

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UMA ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Mariano Carvalho¹
Alexsandra Maria Sousa Silva²

RESUMO

Este trabalho versará sobre reflexões étnico-raciais no contexto da educação infantil, a partir da contação de histórias. Esta é uma tradição antiga, que historicamente foi incorporada pela educação, como prática pedagógica na educação infantil. As histórias são repassadas, desde muito tempo, de geração para geração perpetuando o conhecimento, a informação, a cultura e o resgate de memórias afetivas dos povos. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a prática de professores da primeira infância em relação à adesão de uma literatura antirracista. A metodologia é baseada num relato de experiência, em escolas públicas, no interior do Ceará. Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo, elencados em categorias: racismo, prática pedagógica e contação de história. Os resultados apontaram para a ausência de materiais e diálogos literários que fossem mais representativos, em especial, de crianças pretas. O racismo é um fenômeno que se acopla na nossa sociedade de maneira estrutural, afetando todas as camadas existentes, e, na educação infantil, não seria diferente. Logo, esse também deve ser um fator considerado na prática pedagógica, e, com a importância e linguagem acessível que a literatura (com leitura e contação de história) consegue comunicar com as crianças, essa, se apresenta como uma potente ferramenta de enfrentamento do racismo, de fortalecimento, de consciência de si e do outro e de pertencimento e representatividade. A construção da identidade da criança negra abre horizontes para uma mudança do cenário racista na sociedade brasileira futura. Por fim, consideramos que a contação de história na educação infantil não é neutra, deve ser regada de intencionalidade pedagógica, pois gera implicações para o desenvolvimento global de todas as crianças.

Palavras-chave: Racismo, Prática pedagógica, Contação de história.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos muito se tem visto pesquisas que demonstram e comprovam o período da primeira infância, que vai do nascer aos 6 anos de idade, como uma janela de oportunidades. E, que as experiências nesse período, dão base ao desenvolvimento dela enquanto sujeito. Assim, a de se compreender a importância de que todos os serviços que atendem essas crianças estejam comungados a tornar essas experiências a mais favorável ao seu pleno desenvolvimento.

¹ Estudante de graduação em Psicologia, da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: vanessamarianocarvalho@gmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Psicologia, da Faculdade Luciano Feijão (FLF) e da Universidade Vale do Acaraú (UVA), em Sobral-Ce. E-mail: alexsandramss88@gmail.com

Considerando que a maior parte do tempo da vida, passamos numa instituição escolar, essa, deve estar ainda mais atenta, principalmente as que atendem a educação infantil, com os conflitos e experiências que acontecem e afetam essas crianças. Uma vez que o educar e o cuidar se apresentam, em seus documentos de base, como indissociáveis nessa etapa da vida escolar. E, se pensarmos todos os cuidados que devem estar a postos para as crianças que se encontram dentro de uma condição de “normalidade” para a sociedade, deve nos aguçar então, a uma atenção maior quando tratamos de crianças negras, que, além de estar sujeita a situações conflituosas que as demais crianças, para estas, a de se considerar as questões raciais a que serão submetidas. Pois, é ainda nessa fase que podem vivenciar, pela primeira vez, alguma experiência racista, que impactará significativamente em diferentes dimensões do seu desenvolvimento.

É preciso que os profissionais e as instituições tenham ciência dos marcadores sociais que afetam e atravessam os corpos, as vivências e, identidade desses sujeitos negros. E, assim, usar de estratégias (nesse caso pedagógicas) que sejam suporte para o enfrentamento de questões raciais na infância, assumindo que as crianças também sofrem e reproduzem atos racistas. E isso, implicará a sua construção pessoal enquanto sujeito, sua autoestima, socialização, e, saúde mental.

A contação de história é uma tradição que existe desde muito tempo. Essa prática no ambiente escolar é uma excelente aliada no processo de ensino e aprendizagem e, na educação infantil, contribui muito para o desenvolvimento das crianças, ajudando-a na capacidade de compreender de forma lógica os fatos, a fazer associação com a realidade e construção de um senso crítico. Com isso, este trabalho objetiva refletir sobre a prática de professores da primeira infância em relação à adesão de uma literatura antirracista, como uma estratégia de enfrentamento.

METODOLOGIA

Este escrito se baseia num relato de experiência de uma educadora da rede pública, na educação infantil. Que, reconhecendo-se como mulher negra, atentou-se à ausência de referências no ambiente escolar, principalmente na faixa etária da primeira infância. Período em que as crianças ainda estão na construção da sua identidade, sejam elas, negras ou não, e oportunizar a vivência, a escuta ou experiência com questões raciais desde cedo ajudarão nessa construção. Algo tão necessário considerando a diversidade da população brasileira. O Relato de Experiência, como bem apresentado por Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64):

...em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

Com isso, este é o relato de como uma professora negra que percebe dentre muitas ausências, a ausência de uma literatura infantil que representasse o povo negro, as crianças, os heróis ou princesas, suas características, histórias e cultura negra. E, começa a intervir para a construção de uma educação antirracista mesmo ainda na infância. Descrever essa experiência contribui para a construção de conhecimentos acadêmicos a partir da valorização das experiências dos sujeitos e seus diferentes saberes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Muitos estudos têm se voltado para demonstrar o quanto a fase da primeira infância é propícia ao aprendizado e carrega a base do que a maioria dos seres humanos serão em sua vida. Olhando para as recentes pesquisas, as crianças têm sido consideradas sujeitos ativos e tem tido seus direitos bastantes considerados, com isso, ideias pedagógicas vêm refletindo essa atenção em novas posturas e propostas para a educação infantil, profissionais e currículos têm demonstrado uma preocupação e importância em propor uma bagagem considerável de suporte ao desenvolvimento infantil em suas práticas. Aqui, voltados a prática da literatura, discutiremos como essa pode e/ou deve garantir a participação, a autonomia, o direito, dentre outras garantias que subsidiam um desenvolvimento favorável e positivo para a Infância. A literatura é uma prática essencial dessa etapa e evidenciando a fala de Silva (2017) onde diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica precisa ser motivada desde cedo para o processo de aquisição de leitura, e a literatura infantil é uma das práticas mais interdisciplinar que se relaciona com outros meios de expressões (a música, a imagem, e o movimento) e isso forma a bagagem comunicativa da criança nos seus primeiros anos.

É que consideramos essa prática uma das estratégias mais eficazes para introduzir uma variedade de temáticas necessárias à construção do repertório de um indivíduo. Não esquecendo-se, é certo, da faixa etária e quais as estratégias e linguagem mais acessível. As histórias contribuem para a construção de um repertório cognitivo, social, cultural e emocional das crianças em seu desenvolvimento pleno. Estimulando a imaginação, curiosidade, compreensão de mundo e da realidade, formação individual e coletiva e

interação social, seu caráter ultrapassa os objetivos pedagógicos escolares por ser uma ação humana milenar.

(...) As literaturas surgiram a partir do ato milenar de se contar histórias, bem antes da escrita, mostrando-se muito importante para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. E a tradição de contar as histórias procedeu da necessidade do homem em se comunicar e passar sua cultura para as gerações seguintes. Portanto, seja no ambiente escolar ou familiar, a contação de histórias precisa ser praticada com maior regularidade para que a imaginação da criança através da ludicidade esteja sempre estimulada.” (MACHADO; SILVA; SILVA, 2021)

O ato de ouvir e contar histórias (a partir de uma leitura ou não) é tão costumeiro e cotidiano em sociedade, no entanto não perde a característica profissional, pois, seja ela espontânea ou escolarizada, é uma prática que exige técnicas apuradas e propósitos lúdicos e pedagógicos (Leiro, 2023). Como dizemos na educação infantil, as propostas devem ser pautadas numa intencionalidade pedagógica, sempre.

Pois, a escola é uma instituição de caráter formativo e suas práticas devem estar concomitantes às necessidades dos indivíduos em sociedade, suas práticas devem estar pautadas no que é essencial e básico ao bom convívio e respeito a outros indivíduos. Visando uma formação social, cultural e política. E, se é a contação de história que melhor se comunica com as crianças, que esta seja usada a seu favor. A escola deve usar suas práticas como estratégias de lutas e combate à desigualdade e a construção de uma consciência coletiva crítica, capaz de não só tomar ciência dos problemas sociais mas como intervir neles. A escola e suas estratégias, não podem ser neutras.

O racismo é uma das formas mais cruéis de desumanizar e inferiorizar indivíduos, a população negra é bastante afetada e têm suas identidades bastante associadas de forma negativa e pejorativa. E na infância, não é diferente, as crianças também reproduzem o que veem, escutam e presenciam. E, ele está implementado em nossa sociedade de tal forma que muitas práticas criminosas são naturalizadas, devido ao seu velamento. O racismo atinge a toda a população negra desde a mais tenra idade. E nessa fase em que os sujeitos estão formando suas primeiras construções mentais, indenitárias, coletivas e sociais, devemos indagar quais são os aparatos e constructos que essa tem para se pautar, se não a partir de um eurocentrismo e branqueamento?

Logo, evidencia-se aqui a necessidade de todas as instâncias que acolhem a primeira infância olharem para essa questão, discutirmos sobre as práticas pedagógicas e como essas podem ser uma estratégia de enfrentamento ao racismo que atinge essas crianças que

também são “... sujeitos ativos no ambiente, além de sofrer os impactos do racismo em seu próprio desenvolvimento, também podem reproduzi-lo” (Silva; Vasconcelos; Ramos 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das observações, foi percebido que de fato havia uma grande ausência de materiais e diálogos literários que fossem mais representativos, em especial, de crianças negras. Seja numa roda de conversa, durante o intervalo ou no momento da história (que depois do intervalo, pareceu ser o momento que mais as crianças gostavam). A linguagem acessível, os acessórios e didática utilizados nesse momento, encantam as crianças e facilitam a compreensão do assunto abordado.

O ato de contar história é uma tradição que existe desde muito tempo. Famílias tinham o costume de se reunirem para transmitir aos mais jovens as experiências de vida e isso já se tornava um hábito. Assim, essa prática chegou até o ambiente escolar e hoje é uma excelente aliada do ensino, proporcionando diferentes aprendizados aos alunos (Marques, 2014).

Esse ato de contar história também nos aproxima de uma prática que destaca um conceito importante para a população negra: a ancestralidade. Essa que em seu significado já nos remete e à transmissão, seja de valores, ritos, comportamentos ou/e através de histórias. Leiro (2024) reflete que a ancestralidade “trata-se de uma forma de organização social fundada na transmissão oral de saberes, tendo a contação de histórias como um dos recursos usados para unir os membros por meio das memórias narrativas”.

Essa prática no ambiente escolar é uma excelente aliada no processo de ensino e aprendizagem e, na educação infantil, auxilia nas primeiras compreensões do mundo, construções de identidades, individualidades, coletividades etc. Através da contação de histórias, as crianças experienciam os sentimentos, aguçam imaginação, constroem um raciocínio lógico e crítico das situações e tudo isso as auxiliam no cotidiano. Se essa é uma ação tão apreciada pelas crianças, devem então os adultos fazer bom uso dela. Dentro de um contexto racial brasileiro, usar essa ação como ferramenta para a informação, o diálogo, a experientiação deve ser um excelente apoio com a representação e representatividade, com reconhecimento de si e do outro e a autodeclaração futura. Como Bárbara Carine apresenta em seu livro: como ser um Educador antirracista, a importância da representatividade, pois, “onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”.

O racismo é um fenômeno que se acopla na nossa sociedade de maneira estrutural, afetando todas as camadas existentes, e, na educação infantil, não seria diferente. Logo, esse também deve ser um fator considerado na prática pedagógica, e, com a importância e

linguagem acessível que a literatura (com leitura e contação de história) consegue comunicar com as crianças, essa, se apresenta como uma potente ferramenta de enfrentamento do racismo, de fortalecimento, de consciência de si e do outro e de pertencimento e representatividade.

E, é concordando com a frase incisiva de Angela Davis que acreditamos também que “numa sociedade racista como esta, não basta só não ser racista, é necessário ser antirracista”. Não basta apenas estudar e analisar os fatos da realidade, é preciso intervir nela. E, sendo a educação um meio de socializar com as novas gerações os conhecimentos, a história e as perspectivas, usemos essa e seus instrumentos a favor de uma luta antirracista. fazendo com que essa educação seja comprometida agora, em transmitir o contrário do que foi implícito ou explicitamente ensinado e imposto abruptamente por toda uma vida, sobre um povo. Evidenciando agora o lado positivo, as conquistas, espaços conquistados, uma representatividade potente. Sendo um educador antirracista, que é:

Acima de tudo, uma pessoa consciente de si dentro dos sistemas de opressão que estruturam a nossa sociedade. Ele/ela é aquele sujeito que, em uma sociedade estruturalmente racista, compreende que não há como fugir psicologicamente desse mal social se não destruímos o racismo em suas bases (Carine,2023).

Os livros infantis podem nos contar para além da história única que nos foi contada, lembrando aqui Chimamanda Ngozi Adichie. As histórias dos livros infantis podem nos contar desses povos, de sua ancestralidade, de sua beleza, de suas comidas e costumes, podem nos ajudar a trabalhar com as crianças de forma descolonizada. Resgatando a história de seus antepassados. Combatendo assim, a reprodução de estigmas e de padrões que imperam na sociedade e corrompem a construção das identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dito tudo isso até aqui, a intenção dessa partilha é destacar a necessidade de que as estratégias de enfrentamento ao racismo seja um fator considerado na prática pedagógica, principalmente na literatura, visto tudo que foi posto, para além de suas potencialidades pedagógicas, como o gosto pela leitura, também devido a linguagem acessível que consegue comunicar melhor com as crianças temas diversos.

Assim como a importância de também já nessa faixa etária introduzir esse assunto, pensando no quanto contribuirá para a construção de uma identidade e consciência crítica futura. E esperamos que os educadores tenham esse compromisso com as crianças e sociedade.

Por fim, consideramos que a contação de história na educação infantil não é neutra, deve ser regada de intencionalidade pedagógica, pois gera implicações para o desenvolvimento global de todas as crianças.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23, agosto 2024.

CARINE, Bárbara. Como ser um educador antirracista. **São Paulo: Planeta do Brasil**, 2023.

LEIRO, Lucia Tavares. Ensaio sobre contação de histórias. **Contação de Histórias e Oralidades-CHO**, v. 2, n. 1, p. 58-77, 2024.

MARQUES, Sinara Pereira; DO COUTO PEREIRA, Maria Marta. A contação de história na Educação Infantil. **Pergaminho**, n. 5, p. 16-25, 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

Silva, F. M. D. S. V. (2017). A importância da contação de história na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia – Modalidade à Distância) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação. Coremas, 40. 2017.

SILVA, Santuza Amorim da; FREITAS, Daniela Amaral Silva. Representações dos negros na literatura infantil e juvenil. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21, n. 3, p. 311-322, 2016.

SILVA, Jefferson Andrade; DE VASCONCELOS, Dalila Castelliano; RAMOS, Deborah Dornellas. Racismo no Brasil e primeira infância: uma revisão sistemática. **Psico**, v. 55, n. 1, p. e40873-e40873, 2024.